

Aspectos simbólicos dos orixás que se apresentam como essenciais para a reflexão sobre a identidade e a valorização de jovens e crianças afro-brasileiras

Lucia Gutierrez

Pesquisadora para produções culturais com ênfase em
História da África e do Negro no Brasil

“A crise da sociedade moderna está no fato de os jovens não mais se sentirem heróis nas ações condicionadas pelo projeto da sua cultura.”
Ernest Becker, **A Negação da Morte** (1974)

Interessante notar que na antiguidade quando se originaram os mitos religiosos por todos os cantos do mundo, não foi sentida a necessidade destes seres serem perfeitos, íntegros, bonzinhos, teriam sido criados à imagem do homem?

Será que os humanos achavam que seus deuses eram como eles? E assim os perceberam, falíveis, cheios de imperfeições e com forças opostas lutando no seu interior, construindo as suas características individuais com o que conheciam e viam, aos poucos, mas sempre lhes acrescentando aquilo de que mais sentiam falta: muito poder?

Será que primeiro os criavam, ou antes, os sentiam nas forças da natureza e depois os iam moldando e burilando, formando-os a partir de si mesmos até completarem as suas personalidades, acrescentando-lhes força, poder e magia?



No prefácio à edição brasileira da recontagem do épico hindu, encontramos:

"... O Mahabharata é matéria e memória de um tempo em que o heroísmo coletivo era não apenas uma celebração de transcendência, mas rito de autoconhecimento: a vitória do guerreiro e sua derrota simbolizam marcos no áspero caminho em busca de si próprio ou da individualização, como definia Jung, a mais necessária das experiências humanas(...) tem, como todos os textos escritos no limiar da História, uma riquíssima polivalência simbólica, servindo de cadinho onde poesia, religião e metafísica se fundem e se confundem...." (William Buck, Mahabharata, 1973, Ed. Cultrix).

Em busca de si próprios, esse é todo o dilema da difícil etapa de formação do homem e se antes já lhe era complicado crescer e para isso havia até os necessários rituais de iniciação, hoje a exacerbação de informações e de opções de caminhos torna ainda mais complicado para o jovem encontrar o seu rumo.

É Bruno Bettelheim que em "*A psicanálise nos Contos de Fada*" (1976) escreve:

"Ao contrário do que acontece em muitas histórias modernas infantis, nos contos de fada o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e suas ações, já que o bem e o mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todos os homens. É esta dificuldade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo."

Bettelheim escreveu este livro para contrapor-se à idéia, veiculada na época, que pregava para orientar a formação das crianças só contar histórias edificantes. No ensino da mitologia afro-brasileira e africana, temos em seus relatos, os orixás expostos com sentimentos, ações e reações humanas praticadas para o bem e para o mal. Exatamente o que o autor defendia como sendo necessário para que a formação já fornecesse elementos que não camuflassem o mundo em que viviam e desenvolvesse neles a capacidade de julgamento e de tomadas de decisões desde o início de suas vidas.



Os mitos dos orixás trazem para os afro-descendentes outros conhecimentos importantes:

- A relação dos orixás com as forças da natureza, mostrando ao homem que é nela que ele vai encontrar a força, o sustento, a paz e que só cuidando dela como de uma entidade viva, a resposta da terra vai lhe ser benéfica;
- A relação da força dos antepassados, que mitificaram os orixás e os trouxeram no cativeiro, mostrando a importância do sentido da ancestralidade e por consequência do conhecimento e do estudo das origens dos povos em todas as suas raízes, aprendendo a respeitar e a valorizar a transmissão de conhecimentos;
- As relações entre os próprios orixás e como as suas afinidades e desavenças puderam ser contornadas, trabalhadas ou perpetuadas dando origem a uma mitologia tão rica;
- As relação entre os orixás e seus arquétipos, e
- As relações sensoriais, musicais, poéticas, amorosas, humanas, medicinais, trágicas, dramáticas, divertidas.



São numerosas as adjetivações que podemos usar para tentar explicar a beleza e a magia dos mitos dos orixás. O mais importante é que eles constituem uma enorme fonte de materiais que pode ser trabalhada com os jovens expondo-lhes a visão de uma cultura diferente sim, mas uma cultura que faz parte das suas origens, aquela dos seus ancestrais africanos.

Qual a importância da abordagem das mitologias africanas e afro-brasileiras na Educação Básica?

Lucia Gutierrez

Pesquisadora para produções culturais com ênfase em
História da África e do Negro no Brasil



Mitologia, segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa quer dizer, entre outros significados que não são pertinentes no momento: 1. História fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da Antiguidade greco-romana. 2. O conjunto de mitos, próprio de um povo, de uma civilização, de uma religião: *mitologia hindu*, *mitologia grega*.

Mito por sua vez, tem como definição, entre outras: 2. Narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia, e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspecto das condições humanas. 3. Representação de fatos ou personagens reais, exageradas pela imaginação popular, pela tradição, etc.

Aurélio Buarque de Holanda quando, muito bem assessorado, escreveu este que é um dos melhores e mais consultados compêndios no gênero, não fugiu do estereótipo da cultura eurocentrista que dirige o pensamento intelectual das elites brasileiras. No primeiro momento do seu texto podemos entender que mitologia se refere ao passado de gregos e romanos, no segundo os hindus abrem a citação e os gregos são repetidos, como se houvesse poucas opções de escolha para a explicação.

O imaginário do aluno brasileiro ao longo do seu curso é envolvido e desenvolvido por histórias. Para os muito pequenos, são contadas aquelas protagonizadas por animais, que falam e interagem para mostrar suas características, algumas representando os mitos e as lendas das nações

indígenas. Para os maiores, contos e narrativas que buscando a exemplificação de valores, ou não valores, são ligados a culturas que remetem quase sempre às civilizações europeias, ao mundo da Disney, ao exótico dos contos árabes e recentemente à estética do oriente longínquo.

Hoje, o currículo não pode mais ser usado como desculpa limitadora para a introdução na escola da cultura africana e dos seus consequentes valores que ajudaram a formar as características do povo brasileiro. Agora este ensino é lei!

É lei ensinar a história, a geografia, as sociedades, as lutas, a economia e tantos outros aspectos, até hoje ignorados mesmo por professores que na sua formação não os encontraram dentro de seus currículos e, que agora, precisam se embasar para aplicar a lei.

Para formar por inteiro, é preciso que as informações sejam completas, sem escamoteamentos de qualquer sentido, seja religioso, racista ou classista. E se algumas noções são facilmente introduzidas no decorrer das aulas, outras, trazem o desconforto do “como vou falar disto?”, “qual a hora oportuna?”

Começar a falar da mitologia afro-brasileira é um desses momentos, por ela ter sido ao longo dos tempos anatemizada como um tabu religioso por um lado e por outro, oculta por seus seguidores que assim tentavam proteger os seus mistérios.

Com isso, todos perdem. É através do conhecimento que podemos entender o mundo em que vivemos e à escola compete fornecer todos os meios que auxiliem o entendimento das coisas e possibilitem a escolha dos caminhos individuais futuros. A base da formação do pensamento africano é completamente diferente daquela do ocidente e do oriente, seus valores são outros, que nunca foram aprendidos e muito menos entendidos pelos invasores. Como podem não ter escrita, não ser o dono da terra e nem juntar dinheiro?



Essas civilizações viveram séculos transmitindo seus saberes através da oralidade. Quando foram aprisionados, atravessaram os mares guardando o culto dos seus deuses, e a sua mitologia dentro de si. Aqui, em novas terras, como que fertilizados pelas dificuldades os orixás e seus mitos sobreviveram e ganharam novo alento, fazendo parte da cultura do povo brasileiro e trazendo em suas histórias os arquétipos de seus personagens em uma outra cosmogonia, que faz parte da ancestralidade dos afro-descendentes.

Ora, se se tem o conhecimento da mitologia greco-romana, que chega à criança com Hércules, Ícaro e todos os heróis e deuses lendários, que é analisado nas aulas de Artes estudando as obras dos grandes artistas, nas aulas de História com Grécia e Roma, nas de Filosofia e que se estende até a universidade com as interpretações psicanalistas de Freud, porque até hoje ainda é difícil para o professor encontrar o “como” se dirigir ao aluno?

As narrativas da mitologia afro-brasileira não são apenas histórias exóticas de personagens mágicos como nos contos de fada ou das “1001 Noites”, tampouco são fábulas como as de Esôpo ou de La Fontaine, na realidade fazem parte da História dos ancestrais do povo africano e como tal devem ser apresentadas.



Cada povo conta a origem do universo à sua maneira, conhece-se muito da versão bíblica do fato e nada sobre a origem do universo segundo o rito Nagô, uma belíssima história cheia de peripécias e ações divinas e humanas ao mesmo tempo.

Os Orixás e sua intensa relação com a natureza, mostram uma forma de habitar e respeitar a terra que foi esquecida ao longo do tempo. A forma como manifestam seus atos e seus sentimentos humanos mostram arquétipos herdados de nossos antepassados e é pela transmissão desses mitos que vamos completar a educação do aluno em sala de aula, construindo a sua auto-estima com o conhecimento de suas origens africanas.